



## **A PRÁTICA DO PSICOLOGO ALIADA A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO SUJEITO**

ERICK ROSA PACHECO, ERICK ROSA PACHECO, Fernanda Tabita Zeidan De Souza e Fernanda Tabita Zeidan de Souza

A psicologia como ciência e profissão é uma prática relativamente nova e que vem se desenvolvendo com bastante agilidade, dentro deste fazer existem várias possibilidades de atuação como a Psicologia analítica, que busca em um sentido geral visualizar um homem que em si, é um homo religiosus. Entende-se a dimensão espiritual como algo inato ao sujeito humano, esta esfera faz parte da configuração psíquica e desta forma, deve também fazer parte do processo terapêutico. Justifica-se o estudo da filiação entre o processo terapêutico e a espiritualidade, pois esta, pode representar uma expressão ancestral humana que muitas vezes proporciona um sentido para a existência entre o nascimento e a morte. Tem como objetivo demonstrar que esta possível conexão pode introduzir o sujeito a uma postura biófila em relação a vida, se apresentando desta forma como importante aliado a prática psicoterapêutica. Este estudo utilizou como metodologia uma revisão bibliográfica da literatura acerca do tema proposto. À muito tempo se excluiu os níveis espirituais e simbólicos dos seres humanos, pois observou-se que as caracterizações religiões poderiam acarretar grandes complexos, uma vez que estas são contra o movimento natural e instintivo. Porém, deve-se observar que a religião é e sempre foi uma forma de institucionalizar o nível espiritual inato dos sujeitos. No ponto da espiritualidade, fala-se em um nível totalizador e/ou de transcendência que como já mencionado pode posicionar o sujeito a uma postura biófila que busca a completude do ser. Negar o campo simbólico e espiritual é negar as vivências das imagens internas de cada pessoa, neste sentido a prática da abordagem denominada analítica ou junguiana se apresenta como grande auxiliadora na junção do espiritual-simbólico e da prática do profissional de psicologia, gerando desta maneira um interessante equilíbrio entre o científico e o espiritual. Esta filiação não deve buscar padronizações ou protocolos de funcionamento, da mesma maneira que a psique se apresenta como força instintiva e desta forma livre, assim, deve se estruturar este processo de contato, de forma intuitiva e sem configurações fixas. A espiritualidade aqui citada é o movimento de entrar em contato com o seu “eu mesmo” em busca da completude do ser. Por fim, a partir do exposto, pode-se perceber que a prática psicoterapêutica deve se interessar por todos os aspectos da psique, incluindo os simbólicos-espirituais, emancipando desta maneira o ser humano para o além de si que está em si mesmo.